

O CORUMBAENSE

ÓRGÃO DOS INTERESSES DO COMMERÇIO, DA LAVOURA E DA INSTRUÇÃO POPULAR
LITTERARIO E NOTICIOSO.

Propriedade de uma associação anonyma.

Publica-se duas vezes por semana

Editor—André Troyano da Rocha Passos,

Condições de assignaturas Para Corumbá—por anno 14\$000; por semestre 7\$000. Para o exterior—
por anno 16\$000; por semestre 8\$000. Numero avulso 160 rs. Pagamento adiantado.
Os annuncios dos Srs. assignantes são gratis.

Anno II Cidade de Corumbá, (Provincia de Matto-Grosso) 12 de Março de 1881. N.º 67

O Corumbaeense

Os aborigenes.

São graves, e muito graves, as noticias que, relativamente ás correrias de indios, trouxe de na capital o vapor Coripó.

Os indonaveis filhos das selvas, reconhecendo o abandono em que ha muito jaz esta infeliz provincia, a incuria e o criminoso indifferentismo com que é ella tratada pelo governo imperial e pelo seu delegado immediato, os quizes—para fallarmos com franqueza—só cuidão seriamente de seus interesses particulares e dos de seus compadres e afilhados, ouso não já atacar os habitantes do sertão, mas os das circumvisinhanças de propria capital, ceifando barbaramente vidas e haveres, incendiando os campos, levando, enfim, por toda a parte o exterminio, o luto e a dor!

A misera lavoura, já quasi agonizante, parece exhalar nas garras aduncas d'essas hyenas humanas de arco e flechas, o ultimo suspiro!

E o governo imperial dorme, deslumbrado pelos europeis do poder, e o presidente da provincia dorme tambem, embalado pelos seus thuriferarios, que, em troca dos favores obtidos, lhe levão ás narinas nuvens do mais pódre incenso.

A imprensa tem constantemente bradado por providencias; nenhuma, porém, tem apparecido de salutar effeito.

Os lavradores podem, ha immenso tempo, de mãos erguidas, que lhes garantão as vidas e as propriedades, mas nada se tem feito para a sua garantia; a não ser algum mísero apparatus de fogos, sem o menor resultado pratico.

Contra factos não ha argumentos.

Cabera ás dezenas as victimas dos selvagens, homens, mulheres e crian-

ças, de todas as idades e condições, desde o anelão até o recém-nascido, nossos compatriotas, nossos irmãos, filhos d'esta terra, sacrificada pelos especuladores politicos, e á qual se deveria dedicar mais algum amor!

E o que faz o presidente da provincia?

Manda aprisionar alguns dos assassinos e promove festas em honra sua: d'elles (vaidade das vaidades!) o seu retrato, diversos presentes, entre os quaes, alguns trajes carnavalescos e uma caixinha de folha de flandres, contendo patentes e passaportes (Quanto isto é irrisorio e pueril!). e manda aspergir-lhes agua benta sobre as cabeças, para que tenham juizo, ouvir sermão e musica... e depois conduzi-l-os, com guarda de honra, aos antros onde foram achados, para de lá voltarem mais ferozes do que nunca, como acaba de acontecer!

Decididamente, o actual presidente será muito geitoso para assistir a corridas de touros, a banquetes e a bailes, mas não tem a menor aptidão para administrar sensatamente uma provincia.

Quantos factos gravissimos se tem dado durante a sua pessima, desastrosa e fatal administração!

E' o que talvez muito breve tenhamos de dizer.

O estado da provincia de Matto-Grosso, encarado sob qualquer ponto de vista, o presentemente bom anormal.

Tenha ella um administrador independente e circumspecto, d'esses que não se deixão governar como a alimíria—pelo cabresto; um administrador que não seja simples cabo de esquadra de chefes de partido, que não esteja preso á gaveta de credores, que não seja tartufo, e o seu deploravel estado por certo desapparecerá; veremos então o imperio da

lei restabelecer-se e cessar a anarchia.

Os indios comprehendem perfeitamente que esta pobre provincia está sem um administrador, entregue ao acaso, aos azares da sorte; que não passa de uma misera feitoria, onde o cidadão não encontra a menor garantia, onde cada um está entregue a si mesmo, com carta branca para fazer justiça por suas proprias mãos, até mesmo nas barbas do presidente, sem que d'isso lhe resulte o menor mal; comprehendem que o simulacro de administrador que temos ha se conservado impassivel ante os maiores attentados, e que, longe de punir o crime, o acorçoa, tornando-se d' elle apologista; e por isso animão-se a bater ás portas da capital; querem fazer parte do chiffrim carnavalesco... e beberem á saúde do grão marabá!

Não nos admiremos.

Quando, no seio da civilisação, homens investidos de cargos publicos, são os primeiros a exorbitar e a transgredir a lei, calcando-a brutal e desfaçadamente aos pés; quando um chefe de policia, na sua secretaria, essa cidadãos á forga, invade á noite o lar domestico sem o consentimento do seu dono; quando um tenente-coronel commandante do corpo, prevalecendo-se da sua posição, castiga com um chicote em uma rua publica da capital a um homem livre e servidor do paiz, como se fosse seu escravo, porque não lhe levou agua e capim para o cavallo; quando dons officiaes superiores esgadamão-se em plena praça, diante da primeira autoridade; quando um chefe de repartição agride e fere a um funcionario publico, que tranquillamente trabalha á sua mesa, porque esta teve a ousadia do queixar-se pela imprensa de perseguições soffridas, e de dizer verdades incontestaveis, reconhecidas por todos, e que até hoje não

corão contraditadas; quando outros muitos factos lamentáveis se dão, no seio da civilização, com consentimento e apoio do presidente da provincia, cuja parcialidade a favor dos mineiros é geralmente reconhecida, e tanto assim que elles lhe tem merecido elogios; quando tudo isto se dá, dizemos, não é de estranhar-se que os indios, que nenhuma noção tem dos deveres sociaes, que ignorão completamente as leis, também commettão tropelias, também queirão jogar o sóco e a tapona dentro do palácio presidencial!

Elles querem divertir o *grão-morubim*, que gosta e applaude estas cousas...

Quem retribuir as dadiças que receberam, offerecendo um espectáculo gratis ao *capitão-grande* de Matto Grosso?

E' vergonhoso, é vergonhoso tudo isto!

O presidente da provincia sacrificia, pelas conveniências pessoais, os mais caros interesses d'esta sesmaria que lhe foi confiada; quer ser *bom moço, boa pessoa*, até mesmo entre os hugues, os barbaros assassinos de seus administrados; quer, talvez, popularidade entre esses futuros *señhores*...

Que importa o mais!

Succumba a provincia inteira nas garras d'essas feras humanas, mas salve-se S. Ex. e os seus *compadres*...

Na correspondencia que hoje publicamos, datada da capital, vemos os leitores detalhadamente o que tem accorrido sobre o assumpto que serve de thema a este artigo.

Noticiario.

CHAMAVA-SE João Baptista Guimarães, e não João Severino Rodrigues, como por engano sahia publicado, o official do exercito que no dia 6 do corrente falleceu na enfermaria militar.

RIO-APA.—Seguiu no dia 9 do corrente, á tarde, para Montevideo, o vapor *Rio-Apa*.

A LANCHÁ a vapor *Rio-Branco* seguiu para Cuyabá no dia 8.

O OPPORTUNISMO E A REVOLUÇÃO.—O *Povo*, de Cuyabá, começou a transcrever em suas columnas a conferencia publica realisada pelo Sr. Assis Brazil no Club Republicano Acadêmico de S. Paulo em julho do anno passado e que teve

por thema—*O opportunismo e a revolução*.

É um trabalho digno de apreço.

FALLECERÃO em Cuyabá, no mez proximo findo, os Srs. Antonio Joaquim Poixoto, empregado do arsenal de guerra, e Trajano José Ribeiro de Freitas, capitão honorario do exercito.

ABERTURA DE CREDITO.—A presidencia da provincia abriu, sob sua responsabilidade, por acto de 24 de Fevereiro ultimo, um credito extraordinario, de 25.000\$000, pela verba soccorros publicos (Ministerio do Imperio), a fim de occorrer ás despezas a fazer-se com a expedição de duas forças compostas de paisanos, destinadas a perseguir e bater os indios selvagens.

A boas horas!

GAZETA DE S. PAULO.—Não se filia a nenhum partido politico o novo jornal que no principio do corrente anno appareceu na capital da provincia de S. Paulo com a denominação acima.

São do seu editorial as seguintes linhas, que encerrão um bonito programma:

« Repartir justiça e verdade a todos, amigos ou não; sem paixões e sem odios, para poderem exigir a retribuição dos mesmos principios.

« Respeitar o lar domestico, como um tribunal onde os unicos julgadores são a consciencia e o dever.

« Luctar com verdadeira abnegação pelos interesses municipaes e provinciaes.

« Velar pela distribuição maxima e conscienciosa da instrucção popular.

« Acompanhar, embora com sacrificio intimo, a marcha da reforma do trabalho, de maneira a não lezar interesses, cujo desapparecimento pode desequilibrar a nossa riqueza.

« Auxiliar o commercio em todas as suas pretensões justas, legaes e progressivas.

« Eis como ha de viver a *Gazeta de S. Paulo*.

Que seja fielmente cumprido tão bello programma, é o que desejamos, fazendo votos pela prosperidade do collegio.

CLUB "CARLOS FERREIRA."—Na cidade de Casa Branca, diversos cidadãos reunirão-se e formarão um club litterario sob a denominação—*Carlos Ferreira*.

Ao illustrado redactor da *Gazeta de Campinas* cujo nome é o mesmo que o club tomou para si, foi dirigido um officio n'este sentido, assignado por dez cavalheiros.

O Dr. Carlos Ferreira officiou em resposta agradecendo tão delicada lembrança.

Congratulamo-nos com o insigne litterato; por essa eloquente prova de apreço, de que é merecedor.

O THEATRO ANTIGO.—Os estudantes de Oxford, segundo refere um jornal, derão uma representação do *Agamemnon* em grego; brevemente os alumnos de Westminster, fideis á traducção, vão representar a *Adriana*, em latim.

O MAESTRO SA' NORONHA.—A's 6 horas da manhã do dia 23 de Janeiro, falleceu na Corte, em um dos aposentos do hotel de França, uma das glorias musicas do seculo—o eminente maestro Francisco de Sá Noronha, que honrissima memoria deixa de si.

No proximo numero, cedemos a penna a quem o conheceu de perto, para dizer o que elle foi.

Os nomes dos grandes talentos, sejam quaes forem as suas nacionalidades, devem reprecutir por toda a parte.

A imprensa honra-se, occupando-se com elles.

Começa assim a justiça da posteridade.

O FECUNDO escriptor portuguez C. Castello Branco acaba de publicar um novo romance, denominado—*A Brasileira de Praxias*.

PIANO-ORCHESTRA.—O proprietario de um estabelecimento de pianos de Liège (Belgica) entrou em negociacões com um fabricante para a acquisição de um piano orchestra, cuja força de sonoridade é equivalente a de uma philharmonica de cem professores!

Deve ser um instrumento maravilhoso.

NOVA OPERA.—O maestro Carlos Gomes acaba de concluir a partitura de sua nova opera intitulada—*Ninon de Lendres*.

ZOLA.—Este escriptor francez propõe que se levante um monumento a Balzac, antes de ser elevado o de Alexandre Dumas.

—Darei 100 francos para a estatua de Dumas quando tiver dado 1.000 para a estatua de Balzac.

FALLECEU em Lisboa, na idade de 51 annos, o illustre escriptor dramatico Ernesto Bisster.

O Dr. JOAQUIM NABUCO.—Diz um telegramma enviado de Lisboa ao *Jornal do Commercio*, que o deputado Joaquim Nabuco, digno chefe do partido abolicionista no Brazil, foi recebido com grande enthusiasmo pela camera dos deputados de Portugal.

POETA IMPERIAL.—Lê-se na *Gazeta de Noticias* de 10 de Janeiro: «*Dir a Revista politica e litteraria* que S. M. o Imperador do Brazil, vae publicar um volume de poesias, que traduzio do inglez.

E agora venhão para cá os litteratos de Portugal, gabar-se do seu monarcha que traduz Shakspeare!

Nós tambem temos dessa fazenda...»

LITTERATURA.

Penserosa.

Andava sempre soismando
Aquelle pobre creança...
Do seu olhar a esperanza
La aos péculos se ausentando

Chamavam-na Penserosa
Por sempre andar pensativa...
Tinha assim aces de rosa
Com uns toques de sensitiva.

Amava talvez. Uma dia
Teve uma estranha loucura:
Abriu a sualma pura
A's seduccões da poesia l...

Passava os dias do outono
Entre uns sinistros fulgores...
Deixando em fundo abandonado
Sem lar, sua mãe, suas flores...

Elétrico, passantes, vózes
Andavam-lhe os mil desejos
Sonhando os perdidos beijos
De uns desolados rapazes!

Quando da tarde a plumagem
Tinha uns tons aureos, suaves,
E vinham frases n'arangeus
As garulhas das aves,

Ella saudosa sciava
Junto n' janella, sosinha...
Enquanto a mãe na cozinha
A panela coia aviava.

Andava sempre infeliza
Com um vago olhar de idioza.
A exalar cheiros de Onia
E apomias de bergamota l...

Dentro em sualma, (a perversa!)
Tinha ella, n'aquelle idade,
Um varme—a lubricidade
Que a punha em trevas submersa!

Um dia exclamou: "meu peito
Doem!" Sentia-se exangue...
Martyr, tombou sobre um leito
Pondo golphadas de sangue!

Veio o medico... Um supplicio
De remedios insensatos...
A aragem fresca dos matos...
Passeios, leite, exercicio...

Beber as aguas da fonte
Em manhas do primaveras,
Colher as flores do monte,
Correr atraz das chiméras...

Mas em vão! Misera moça l...
Quebra'ra a infame anemia
Seu corpo—essa phantasia
De uma finissima longa...

Fatal, violenta, ferina
Rompera a ultima crise...
Morrera a fragil menina
De uma enorme haemoptise l...

Fica'ra só por lembrança
D'este tão sentido lucto,
O predilecto romance
Da desgraçada creança...

1880.

CARLOS FERREIRA.

SCIENCIAS

DEPENDENCIA MUTUA DOS ENTES

Todos os seres que o beneficente Architecto produziu no mundo, estão admiravelmente encadeados uns nos outros, de modo que estes mesmos seres concorrem de parte a' parte para sua conservação. A mesma terra com suas rochas e areias, com seus metaes e suaz, tem seu principio e continuação nos elementos.

As arvores, plantas e todos os vegetaes, têm subsistencia da terra; entretanto que os animaes, por sua vez, alimentão-se de vegetaes. A terra da' nutrimento a' planta, a planta é alimento para o insecto, o insecto para o passaro, o passaro para os animaes selvagens, e vice-versa, os animaes selvagens se tornão presa do abutre, o abutre do insecto, o insecto da planta e a planta da terra.

O mesmo homem, que procrea encadeando tudo para seu proprio uso, torna-se sua presa.

Tal é o circulo em que todos os seres tomão seu curso, porque todas as cousas são encadadas umas para as outras.

Os tigres, lynces, ursos e numerosos animaes, nos provêm de couros e pellos para nos cobrir: os cães perseguem a lebre e o veado para supprirem nossas mesas; o dogue faz saltarem os coelhos de seus mais profundos escondriços para nossas armadilhas; o cavallo, o elephante, o camello são ensinados para conduzirem cargas, e o boi para puxar o arado; a vacca nos da' leite: o carneiro sua lã; a renna faz correr o trenó por sobre o gelo; o falcão nos serve na falcatoria; e a gallinha nos da' ovos: o gallo desperta-nos de manhã cedo e a calandria nos diverte da dia com seu canto; o canto sibila do melho se ouve de manhã até a tarde, e tanto o melodioso gorgeio do rouxinol nos encanta os ouvidos. Os divertidos cordeiros, a engraçada vitela, os innocentes pombos e a magestosa plumagem do pavão dão prazer aos olhos.

O bicho da seda prolonga sua téa para nos vestir: as abelhas reúnem com cuidado o mel que nós achamos tão bom: o mesmo mar lança continuamente sobre as praias o caranguejo, as lagostas, as ostras e todas as especies de mariscos para nossa admiração; o pyralampo ou a grande mosca do Surinam, brilha no meio das trevas para dar luz aos habitantes d'aquelles paizes.

Se observarmos as diferentes occupações dos homens, descobriremos que elles tambem concorrem para este mesmo fim, que a natureza destinou. O maricheiro encara os perigos das mares e tormentas para lavar ao logar destinado mercadorias que não lhe pertencem; o lavrador semea e colhe grãos, de que elle mesmo mui pouco consome. Assim nós não vivemos só para nós, porque o sabio Architecto da natureza ordenou que todos os seres fossem uteis uns aos outros.

Aprendamos, pois, d'aqui nossas obrigações mutuas. O forte deve assistir o fraco; o bem informado deve concorrer com seu conselho a' quem o necessitar; o sabio deve instruir o ignorante; porque devemos honrar os nossos semelhantes como a nós, e assim cumprirmos os designios do Grande Architecto do Universo.

Os officios mutuos, que os homens devem uns aos outros, dão occasião de se formarem em sociedade.

Aquillo que a força dividida não pôde fazer é facilmente executado por meio de forças unidas. Nenhum homem levanta um grande patio sem coadjuvacao; uma pessoa só não faz os alicerces e adegas, nãorompta e queima tijolos, não levanta as paredes o colloca o tecto, não fornece as janellas de vidro e prepara os quartos; porém tudo isto se faz com facilidade quando diferentes trabalhadores se ajudo mutuamente.

Tudo aquillo que parece para nós de tão pouca importancia, que apenas dig-

namos os olhos, concorre para nossa felicidade.

Os mesmos insectos que nós desprezamos tanto, nos são uteis.

STUM.

CORRESPONDENCIA

Quinabá, 3 de Março de 1881.

Sr. Redactor

A estupenda IDEIA NOVA de S. Ex. o Sr. Barão de Maracaju', fazendo voltar os indios que foram prisioneiros pelo Sr. alferes Duarte, acompanhados ainda por uma caixinha contendo, além de outros presentes, o retrato de S. Ex. teve, como se esperava, o mais triste resultado, pois que, em vez de voltarem com os selvícolas seus companheiros, baterão em diversos lugares circunvisinhos d'esta cidade, onde alem dos prejuizos, devidos nos incendios, fizeram viute e tantas mortes!!

Nem outra cousa esperavamos da GALANTE IDEIA NOVA do Sr. Maracaju', que teve a ingenuidade de acreditar na volta de taes barbaros!

De forma que S. Ex. esperou que houvesse victimas ainda uma vez, para tomar as providencias que ha muito exigito a segurança individual e a propriedade dos nossos miseros lavradores, mandando para diversos pontos, toda força de linha disponivel.

A capital esta' sem força armada, e ha' sorrisos receios que os indios, para obterem cabal vingança, entrem aqui, matem muita gente e retirem-se, sem nada lhes acontecer, o que não é do admirar, porque elles cada vez mais se avistam, e a 3 legoas d'istantes d'aqui ja' baterão; consta que, quando elles acomettem os moradores, proferem com rancor o nome de Maracaju'.

Espalhou-se nesta cidade um caso curioso, e vem a ser: uma cruz que se encontrou na estrada, sobre a qual estavam todos os presentes remetidos pelo Sr. Barão de Maracaju', inclusive o seu proprio retrato.

O indio não é só vingativo, é também orgulhoso.

Deixando de parte o Sr. Barão de Maracaju', infeliz na sua estupenda IDEIA-NOVA, vou occupar-me com o muito respeitavel Sr. Bacharel João Maria Lisboa, que em má hora foi nomeado Chefe de Policia desta infeliz provincia. Este Sr. Lisboa, tornou-se notavel no exercicio do cargo de Chefe de Policia, porque tem-se mostrado arbitrario e violento como bem poucos o tem igualado.

Na noite de 4 de Fevereiro, estavam reunidos alguns amigos do Sr. Capitão Gus'ava Alfredo Gomes de Barros na casa onde mora com sua esposa, familia,

e para distrahirem-se jogavam; eis que com todo o desembaraço, ás 11 horas, quando ninguém esperava, entra bruscamente, na sala onde se achavam os amigos do Sr. Capitão Gustavo, um individuo com o chapéo enterrado até as orelhas e brandindo um chicotinho que trazia dependurado no braço; a primeira vista pareceu, aos cavalheiros que estavam na sala, ser aquelle individuo um devoto de "Bacho" ou um louco que se tivesse evadido da Santa Casa de Misericordia, attenta a' maneira porque entrou e a' hora ja' avançada da noite; porem qual não foi o espanto quando conheceuos naquelle individuo a pessoa do Sr. Chefe de Policia!

O Chefe de Policia, pois era elle, foi desfeitoado, desmoralizado e até foi obrigado a calar-se, porque queria falar alli mais alto do que o dono da casa; o Pedro Povoa, seu amanuense, que o acompanhava a'quellas horas, quando tomava nota, por ordem do Chefe, dos nomes das pessoas presentes, teve o desprazer de ver o papel arrebatado de suas mãos e feito em pedacos na presença do Sr. Lisboa, que devia resignar o cargo, uma vez desmoralizado.

O Chefe de Policia assim procedendo enleou aos pés o § 7.º do art. 173 da Constituição do Imperio que diz assim: "Todo o cidadão tem em sua casa um asilo inviolavel. De noite não se podera' entrar nella sem o seu consentimento, ou para a defender de

incendio ou inundação; e de dia só se podera' entrar nos casos e pela maneira que a lei determinar".

E foi o Sr. João Maria Lisboa, Chefe de Policia, um homem que se diz formado em direito, quem ultrapassou violentamente o preceito da Constituição do Imperio!

O Sr. João Maria Lisboa, além de tudo o mais parece ser completamente desconhecedor do acatamento devido ao lar doméstico!

Não menos indignação havia causado o procedimento do Sr. João Maria Lisboa fazendo casar na secretaria da policia, e sera as formalidades legaes, uma pobre moço, victima d'uma farsa ridícula, que teve o apoio da 1.ª autoridade policial.

Este facto, por si só, ja' era uma prova evidente do quanto é violento e arbitrario o chefe de policia da provincia Bacharel João Maria Lisboa, porém, não contente com essa prova, quiz mostrar que a Constituição do Imperio, para elle de nada valia, por isso que invadia o asilo de um cidadão qualificado, as 11 1/2 horas da noite!

Essa autoridade podera' ser conservada no exercicio do cargo?

Tudo é possivel n'esta quadra de corrupção por que atravessa o paiz.

Ficando aqui por hoje, prometto voltar no paquete seguinte.

V. B.

ANNUNCIO

COMPLETA LIQUIDAÇÃO

EMILIO PONSOLLE

competentemente autorizado pelos administradores da massa fallida do negociante Germano Lewandowsky, fará leilão de todos os effeitos pertencentes á dita massa, hoje, amanhã e depois, e mais dias se for preciso, até final liquidção. O leilão começará em todos os dias, ás 10 horas da manhã, e não se permite retirar lotes e a venda se fará somente a dinheiro á vista, isto é, não se concede praso. A massa compoe-se de variado sortimento de fazendas, ferragens, objectos de armarinho, perfumarias, &c., &c.

E' pechinha que nem sempre apparece.

Corumbá, 12 de Março de 1881,

EMILIO PONSOLLE

Typ. do — Corumbaense — Rua Augusta.